



## Entre gregos e "bárbaros": Heródoto, o primeiro historiador, e a criação de uma dicotomia

*Between Greeks and "Barbarians": Herodotus, the first historian, and the creation of a dichotomy*

*Entre griegos y "bárbaros": Heródoto, el primer historiador, y la creación de una dicotomía*

Henrique Dalgobbo Samorini [\*]

---

[\*] Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com bolsa CAPES. Bacharel em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais e Defesa (IRID) da UFRJ. E-mail: henriquesamorini22@gmail.com.

---

**Resumo:** Este artigo investiga a origem da dicotomia entre gregos e bárbaros na obra *Histórias*, de Heródoto, analisando as raízes mitológicas e homéricas no texto, assim como o contexto sociopolítico do século V a.C., quando foi produzido. A partir de uma revisão bibliográfica e análise de fontes primárias, argumenta-se que a dicotomia entre esses dois povos, perpetrada por Heródoto, foi uma projeção retrospectiva da oposição cultural entre gregos e persas após as Guerras Greco-Persas, inserida no mito da Guerra de Troia, do qual o autor se via como continuador. Observa-se que essa categorização teve papel fundamental na construção da identidade helênica e no pensamento historiográfico subsequente. Conclui-se que o estudo da formação dessa divisão revela a influência dessa oposição entre gregos e bárbaros em autores basilares do pensamento ocidental.

**Palavras-chave:** identidade cultural; Heródoto; dicotomia gregos e bárbaros.

**Abstract:** This article investigates the origin of the dichotomy between Greeks and barbarians in Herodotus' *Histories*, analyzing the mythological and Homeric roots within the text, as well as the sociopolitical context of the fifth century BCE, when it was produced. Based on a bibliographical review and the analysis of primary sources, it is argued that the opposition between these two peoples, as portrayed by Herodotus, was a retrospective projection of the cultural conflict between Greeks and Persians after the Greco-Persian Wars, inserted into the myth of the Trojan War, of which the author saw himself as a continuator. It is observed that this categorization played a

fundamental role in the construction of Hellenic identity and in subsequent historiographical thought. It is concluded that the study of the formation of this division reveals the influence of this opposition between Greeks and barbarians on foundational authors of Western thought.

**Keywords:** cultural identity; Heródoto; Greek and barbarian dichotomy.

**Resumen:** Este artículo investiga el origen de la dicotomía entre griegos y bárbaros en la obra *Historias*, de Heródoto, analizando las raíces mitológicas y homéricas presentes en el texto, así como el contexto sociopolítico del siglo V a.C., cuando fue producido. A partir de una revisión bibliográfica y del análisis de fuentes primarias, se sostiene que la oposición entre estos dos pueblos, presentada por Heródoto, fue una proyección retrospectiva del conflicto cultural entre griegos y persas tras las Guerras Médicas, insertada en el mito de la Guerra de Troya, del cual el autor se veía a sí mismo como continuador. Se observa que esta categorización desempeñó un papel fundamental en la construcción de la identidad helénica y en el pensamiento historiográfico posterior. Se concluye que el estudio de la formación de esta división revela la influencia de esta oposición entre griegos y bárbaros en autores fundamentales del pensamiento occidental.

**Palabras clave:** identidad cultural; Heródoto; dicotomía entre griegos y bárbaros.

### Considerações Iniciais

No proêmio do primeiro livro, intitulado Clio<sup>1</sup>, da obra *Histórias*, o historiador enuncia:

Estas são as investigações<sup>2</sup> de Heródoto de Halicarnasso, que ele publica na esperança de, assim, preservar da decadência a lembrança do que os homens realizaram, e de impedir que as grandes e maravilhosas ações dos Gregos e dos Bárbaros<sup>3</sup> percam a devida medida de glória; e, além disso, de registrar quais foram as causas de sua inimizade (Heródoto 1909 - tradução nossa).

Assim começa o que é considerado por muitos o primeiro livro de história da humanidade, com uma oposição entre dois povos: gregos e bárbaros. Primeiramente, porém, é oportuno

---

<sup>1</sup> O primeiro livro de Heródoto foi intitulado Clio, o nome da Musa da História, provavelmente por abordar justamente as origens históricas das hostilidades entre gregos e não gregos. Apesar disso, Heródoto não é responsável pela divisão do seu manuscrito, e sim bibliotecários e estudiosos da biblioteca de Alexandria, que dividiram seu manuscrito em nove partes, e associaram cada seção a uma musa, provavelmente por razões práticas e poéticas.

<sup>2</sup> A palavra original usada por Heródoto é “*ἱστορίης*” (*historiēs*), no significado de inquérito, pesquisa ou investigação, e é a raiz etimológica da palavra moderna “história”.

<sup>3</sup> A palavra bárbaro vem do grego *βάρβαροι* (*bárbaroi*), e é de origem etimológica dubia. Enquanto Estrabão, Aristóteles e Platão a atribuem origens onomatopeicas, afirmando que a sua grafia imita o som das línguas estrangeiras para ouvidos gregos (“bar bar”), outros afirmam vir do acádio para selvagens. Independentemente, a palavra originalmente era usada para designar povos incapazes de falar grego, sem uma conotação necessariamente negativa.

compreender o contexto histórico dessa divisão e do autor que mudaria a forma de registrar acontecimentos para sempre.

Heródoto nasceu no século V a.C. na cidade de Halicarnasso, originalmente uma colônia de cultura grega, mas, no seu nascimento, como o resto da Cária e costa oeste da Anatólia, compunha o Império Aquemênida. Dessa forma, o autor era descendente de gregos e fruto de sua cultura – que florescia na época em Atenas, com estadistas como Péricles e dramaturgos como Sófocles – mas politicamente súdito dos persas (Romm 1998). Foram justamente as histórias dos recentes conflitos entre os persas e suas invasões para além do Estreito de Bósforo, para a terra dos povos helênicos, que motivaram o escritor a empreitar uma busca por uma narrativa histórica focada em grandes atores como impérios e povos (Heródoto 1909, Murray 1972), além das culturas locais que os permeavam, gerando um novo gênero de texto que se tornará popular na Grécia antiga, e depois será chamado de gênese da historiografia, e também da etnografia<sup>4</sup>. Isso se deve ao fato de que, devido à raridade de fontes escritas, uma grande parte do que o historiador escreveu foi fruto de relatos orais de testemunhas de eventos históricos (Skinner 2012).

Sabendo do contexto de sua obra, cabe a indagação: de onde veio essa dicotomia entre gregos e bárbaros mencionada na sua abertura? O próprio conceito de povos gregos implica a formação de uma identidade helênica, com essa autoidentificação, em algum momento, sendo compreendida como antagônica aos povos bárbaros. Além disso, quais foram as influências dessa percepção de oposição, permeando um dos primeiros e mais influentes livros de história da humanidade? Afinal, essa divisão não passou em branco pela academia, ou mesmo pelos pensadores e historiadores da antiguidade que leram a influente obra. Em sua *magnum opus*, Edward Said (1978), por exemplo, apregoa que a dicotomia entre o Ocidente e o Oriente pode ser traçada desde a antiguidade.

O presente estudo parte da hipótese de que Heródoto, ao explicar em seu proêmio que escreve sua narrativa histórica para explicar a origem das inimizades entre gregos e bárbaros, está resgatando uma hostilidade que teria se iniciado na lendária Guerra de Troia, criando uma continuidade histórica entre o mito homérico e as Guerras Médicas narradas em sua obra. Entretanto, o autor faz isso no contexto do século V a.C., em que, após as principais etapas das invasões persas, os gregos passaram a enxergar o Oriente dominado por aqueles como uma terra de povos inimigos, inferiores e bárbaros, e assim começaram a reinterpretar e reimaginar a tradição

---

<sup>4</sup> A etnografia, palavra grega formada por *ἔθνος* (*ethnos*), que significa povo, e *γράφω* (*grapho*), escrever, implica a forma como os autores da antiguidade descreviam e analisavam culturas exógenas, gênero que se consolidou após Heródoto.

mítica homérica como representante dessa oposição, antes mesmo de ela existir. Devido à sua enorme influência, essa ótica dicotômica popularizada por Heródoto tornou-se a norma na historiografia helênica, e passou a ser fortemente refletida no cânone do pensamento ocidental.

Para compreender essas questões, o presente artigo se dividirá da seguinte forma: primeiro, exporemos um dos pilares por trás da primeira obra de historiografia, que são suas heranças e fontes mitológicas; por conseguinte, será demonstrado como a suposta oposição entre gregos e bárbaros fez parte da formação da identidade grega, no contexto cultural das guerras Greco-Persas; por fim, tentaremos ilustrar a importância e influência da obra de Heródoto, visando ilustrar como essa perspectiva dicotômica influenciou grandes pensadores e historiadores do início do pensamento ocidental.

### **As raízes mitológicas de Heródoto**

A importância da mitologia e de sua rica tradição oral não pode ser subestimada em uma análise da Grécia Antiga. Os gregos demonstram histórico interesse em contos sobre suas origens, sobre a fundação mítica de suas pólis e heróis do passado. Apesar de nunca terem concebido um conto unificado acerca da origem da humanidade, como certos povos do Oriente e posteriormente a cristandade conseguiriam, tinham, como na maioria dos casos, uma série de histórias locais com grandes variações entre elas. Grandes epopeias mantidas de forma oral, que depois seriam escritas pelos poetas, já contavam a história dos povos que formariam a Grécia, como os Dórios e os Iônios, desde a pré-antiguidade (J. Hall 2002).

Enquanto a etnografia e historiografia tradicionais rejeitam mitos e fontes literárias como bases para a análise histórica (Skinner 2012), cabe aqui ressaltar a importância dos mitos para os povos da antiguidade. Conforme elaborado por Anthony Smith (2004), uma mitologia coletiva e sua ancestralidade são fundamentais na formação de uma identidade étnica e imaginário humano, pois são responsáveis por criar um senso coletivo de origem para as populações. Buffière (1973) também argumenta que os mitos foram cruciais na formação do pensamento racional grego. Segundo o autor, esse teria emergido justamente dos contos, e não da rejeição deles – a mitologia teria servido como um alicerce para a construção do pensamento filosófico do povo helênico, por meio da exploração dos vícios, virtudes e psiquê dos personagens encontrados nela.

Na época, o poeta, nome que significa justamente “criador” ou “fazedor”<sup>5</sup>, era o principal responsável pela reprodução da mitologia. Não eram artistas separados do povo, mas importantes

---

<sup>5</sup> A palavra "poeta" vem do grego antigo, e deriva do verbo *ποιέω* (*poiéō*), que significa fazer, produzir ou criar. Assim, o poeta seria literalmente o fazedor, criador, ou “aquele que faz”.

no dia a dia da pólis, comumente ensinando e persuadindo por meio dos seus versos (Marincola 2009). Os poetas eram considerados criadores de realidade através das palavras, pela recontagem das histórias, deuses, genealogias, heróis, que davam sentido à cultura. Autores como Homero e Hesíodo não eram vistos apenas como artistas, mas como fundadores culturais. Seus poemas transmitiam valores, ensinavam o lugar dos homens no universo, definiam comportamentos sociais e religiosos (Voicu 2013). Assim, a palavra do poeta era de grande peso – ele “fazia” os padrões da sociedade.

Por conseguinte, embora Heródoto seja considerado o primeiro escritor de uma narrativa não religiosa, em prosa, cuja obra sobreviveu integralmente, reconhece-se atualmente que ele não escreveu sua obra sem consultar fontes anteriores. Assim sendo, exceto os frutos da sua etnografia primitiva, a maioria dominante das fontes do historiador era composta por poemas épicos da antiguidade, produtos da rica tradição oral dos gregos. E Heródoto, claramente, era um exímio conhecedor da poesia grega, como pode ser amplamente percebido em seus escritos. O historiador iônico citou, no mínimo, doze poetas diferentes em sua obra, como: Ésquilo, Alceu de Mitilene, Anacreonte, Árion, Aristeas de Proconeso, Hesíodo, Píndaro, Safo de Mitilene, Simônides de Ceos e Sólon. Contudo, de todos os poetas que o influenciaram, nenhum foi mais determinante que Homero. Não à toa uma inscrição antiga na sua cidade natal<sup>6</sup>, na atual costa oeste da Turquia, o chama de *Homērikōtatos* (“homeríssimo”) (Marincola 2009, 13).

Homero dispensa apresentações: é, possivelmente, o poeta mais influente da humanidade, desde a antiguidade. Suas duas obras fazem parte de uma ampla narrativa mitológica, com origem na tradição oral e, posteriormente, composta por escritos de vários autores de séculos diferentes, que juntos narram a Guerra de Troia, um conflito entre os povos gregos e a cidade de Troia no Oriente (Bury 1926). Enquanto a *Iliáda* trata mais especificamente da discórdia entre Agamenon e Aquiles no campo dos gregos (Homero 1998), a *Odisseia* narra o árduo retorno de Odisseu para Ítaca (Homero 1897).

É perceptível que Heródoto empregava não só a linguagem e estrutura homérica, como também seus temas e narrativas, fato reconhecido por autores como Dionísio de Halicarnasso, Platão e até Aristóteles (Boedeker 2002). A influência de Homero pode ser vista em vários casos ao longo do texto: na inovadora citação direta dos diálogos dos personagens; nas elipses temporais comuns na *Odisseia*; nas longas digressões para explicar causas passadas de eventos atuais na

---

<sup>6</sup> Atualmente a cidade de Bodrum.

narrativa; no foco em atos heróicos e de bravura dos homens, e na *kleos*<sup>7</sup> (glória); no profundo interesse pela exploração e descrição de maravilhas; e especialmente pela descrição das *astea anthrōpōn* (cidades dos homens), termo usado por Heródoto ecoando o mesmo usado na Odisseia (Marincola 2009).

Gregory Nagy (1987), em seu artigo intitulado *Herodotus the “Logios”*<sup>8</sup>, argumenta que o famoso proêmio da obra *Histórias* de Heródoto contém uma inclusão direta da tradição poética inaugurada por Homero, de registrar a *kleos* (glória), seja pela prosa ou pela poesia. Segundo o autor, a obra de Heródoto não dá sequência à homérica, mas a inclui dentro dela, numa grande tradição de guerras entre o Oriente e Ocidente. Assim como no preâmbulo da Ilíada, onde Homero afirma que sua obra é uma explicação da *aitía*<sup>9</sup> (causa) da inimizade entre Aquiles e Agamenon, ou seja, das causas da Ilíada, Heródoto também afirma em sua abertura que seu texto é uma explicação da *aitía* (causa) da inimizade dos helenos com os bárbaros, isto é, do contexto que inclui a tradição homérica. Assim, o próprio autor sustenta no seu proêmio que o escritor da prosa (*lógios*), assim como o poeta, são capazes de prevenir que a *kleos* (glória) dos homens seja apagada, e suas histórias fiquem sem registro público.

Desse modo, “Heródoto não quebrou radicalmente com seus predecessores poetas para levar seu legado numa direção diferente”, (Marincola 2009, 14), pois, na verdade, a Ilíada, como clássico mitológico sobre a guerra, definiu os termos para toda a historiografia sucedente, incluindo Heródoto, Tucídides e seus sucessores. Isso aconteceu majoritariamente porque as histórias que servem de base ao método de Heródoto foram preservadas por tradição oral, e esse gênero é naturalmente influenciado por contos míticos e tradições poéticas. Isso pode ser visto no principal fio de narrativa de sua obra *Histórias*, onde Heródoto tenta explicar a origem das hostilidades entre Troia, no Oriente, e os gregos, no Ocidente, com explicações baseadas em ações tomadas por personagens mitológicos. O historiador atribui o início das inimizades entre gregos e bárbaros a uma sequência de raptos históricos de mulheres de outros povos, que geraram rivalidades sucessivas e a Guerra de Troia (Heródoto 1909). Para ele, esse conflito é apenas mais um capítulo da história universal, uma realidade dos fatos, que aconteceu na cronologia da história da Europa contra a Ásia (Boedeker 2002, Coleman 1997).

<sup>7</sup> Frequentemente usada em Homero, e posteriormente por Heródoto, *kleos* deriva da palavra *κλέω* (*kléō*), que significa ouvir, escutar – a glória existiria apenas naquilo que é registrado para os outros ouvirem.

<sup>8</sup> Do grego *λόγιος* (*lógios*), significa aquele que domina a palavra, sábio, ou nesse caso, como usado pelo próprio Heródoto, contador ou registrador de histórias.

<sup>9</sup> Tanto Homero quanto Heródoto usam a mesma palavra, *αἰτία* (*aitía*), que significa causa, motivo.

### **Dicotomia entre gregos e bárbaros: origens literárias e étnicas**

Sabendo da herança homérica da obra *Histórias*, resta saber como e por que Heródoto enxergava nela uma divisão entre os povos gregos e bárbaros. Enquanto o autor está claramente trabalhando com uma continuação dos acontecimentos das epopeias, vistas como nada mais que a história, sua construção de uma oposição entre os gregos e bárbaros pode ser principalmente compreendida no seguinte episódio, narrado por Heródoto (1909) no Livro VIII, Urânia.

Durante as guerras Greco-Persas, após a vitória dos persas na Batalha das Termópilas e a subsequente destruição de Atenas em 480 a.C., os aquemênidas enviaram para os atenienses emissários com termos favoráveis para uma aliança entre eles. Frente à proposta de paz, os áticos teriam assim respondido:

Não existe ouro o suficiente no mundo nem terras tão boas que aceitaríamos como pagamento para nos aliarmos ao inimigo comum e trazer a Grécia para a submissão. Existem muitas razões convincentes contra essa opção, mesmo que desejássemos. Primeiramente e, mais importante, as imagens e templos dos deuses foram queimados e demolidos, de forma que somos impelidos por necessidade a exercer a maior vingança no homem que praticou tais atos, ao invés de fazer acordos com ele. E segundo, não caberia aos atenienses provarem-se como traidores do povo grego, com os quais estamos unidos na divisão do mesmo sangue, da mesma língua, das mesmas práticas religiosas, e dos mesmos costumes (Heródoto 1909 - tradução nossa).

Aqui temos uma explicação do que era necessário, na visão do escritor, para ser considerado um grego – distinto do bárbaro. Como explicado por Zacharia (2008a), as obras que sobreviveram até nós carregam um grande viés, e historiadores e poetas gregos colocavam discursos inventados e tendenciosos em suas obras, sem oradores nomeados como personagens históricos. É precisamente assim que Heródoto lista o que, na sua visão, eram os quatro pilares da identidade grega: uma ancestralidade comum, falar a mesma língua, professar a mesma religião, e por fim, a mesma cultura (Zacharia 2008b, Coleman 1997).

Cabe, portanto, determinar se essa distinção em quatro pilares pode ser enxergada nas epopeias de Homero, onde Heródoto traçou o começo das inimizades entre os dois povos (Heródoto 1909). A visão comum da academia, segundo Mihail Vasilescu, é de que:

Os exércitos opostos nas epopeias de Homero não têm um caráter étnico distinto. De todos os pontos de vista, os troianos e seus aliados são apresentados como idênticos aos seus oponentes; o antagonismo entre os combatentes não tem paralelo com uma antítese etnográfica. Todas as pessoas envolvidas no conflito dividem a mesma organização civil e militar, o mesmo senso de honra familiar, os mesmos deuses, os mesmos costumes e a mesma psicologia. Seguindo essa lógica, Homero não tinha um termo coletivo para todas as tribos gregas, assim como ele não tinha um termo coletivo para todos os estrangeiros (Vasilescu 1989, 70, tradução nossa).

Da mesma forma, Edith Hall (1989) aponta que os troianos respeitam o panteão olímpico no mínimo tanto quanto os gregos, e que apenas nas seções finais da *Ilíada*, em livros como a *Doloneia* – que muitos estudiosos atribuem como uma adição tardia ao cânone da *Ilíada* – os troianos

começam a ser representados como inferiores militarmente. Dificilmente seria possível argumentar, também, que existia uma diferença linguística entre os gregos e troianos, já que a comunicação entre ambos os campos não exhibe tradutores ao longo da narrativa. Não obstante, as recentes traduções de escrita em Linear B<sup>10</sup> demonstram que muitos dos nomes dados aos heróis troianos são de onomástica micena, e portanto, de origem grega (Vasilescu 1989).

Similarmente, J. Hall (2002) aponta que as evidências para uma diferenciação étnica entre os gregos e os troianos na *Ilíada* é fraca – os troianos tinham nomes gregos, cultuavam os mesmos deuses, possuíam a mesma organização cívica, e eram representados por Homero com uma luz de igualdade com os gregos, senão de forma ainda mais favorável, como evidenciado pelo apreço de deuses como Zeus para com os descendentes de Príamo<sup>11</sup> (Homero 1998).

É evidente que existem casos de diferenciação entre povos nas obras de Homero, especialmente na *Odisseia*. Alguns estudiosos apontam para a representação literária de povos e seres míticos, como as amazonas, ciclopes e lestrigões, como um exemplo arcaico de uma diferenciação dos costumes gregos e exógenos (Voicu 2013, Skinner 2012, Coleman 1997). Mas dificilmente é possível argumentar que essa foi a origem da divisão entre povos gregos e bárbaros, já que no período homérico não existia ainda uma identidade grega unida e consolidada, e a ligação entre esses povos, sempre descritos como de terras longínquas (Homero 1897), e civilizações reais, é arriscada.

Se essa divisão não veio naturalmente da tradição homérica, então como Heródoto a enunciou como fio condutor de sua narrativa? A resposta está na formação da identidade grega, que se deu ao longo do período clássico, principalmente como fruto das invasões persas.

As Guerras Médicas, ou Guerras Greco-Persas, foram uma série de conflitos entre os povos gregos e suas colônias com o Império Aquemênida ao longo da primeira metade do século V a.C. Tradicionalmente divididas em duas partes, tiveram seu início com a invasão da Grécia por Dário I, em resposta a revolta de colônias gregas sob domínio persa, e terminaram com a vitória dos atenienses na Batalha de Maratona. A segunda invasão, comandada por Xerxes I, culminou no saque e destruição de Atenas, seguida pela derrota da marinha persa em Salamis, e vitória dos gregos sobre as forças terrestres invasoras na Batalha de Plateias. Após a formação da Liga de Delos e seus esforços para a expulsão da presença aquemênida no mar Egeu, o resultado do conflito

---

<sup>10</sup> Silabário usado pela civilização micênica, é a forma mais antiga da língua grega já encontrada, datando de 1450-1200 a.C.

<sup>11</sup> Rei de Troia e pai da maioria dos personagens e heróis troianos durante a Guerra de Troia.



foi um tratado de paz entre os gregos e os persas em 449 a.C., que consolidou a hegemonia de Atenas na região (Green 1996).

A chamada idade de ouro de Atenas se deu justamente dos anos 460 a 430 a.C., e foi marcada: pela liderança da Liga de Delos e formação de um império ateniense, fruto da dominância de sua marinha no Mar Egeu; pelo refinamento do sistema democrático da cidade com a liderança de Péricles e, mais importante para nossos fins, pela explosão cultural caracterizada pela construção de obras arquitetônicas como o Partenon, pela emergência da filosofia socrática, e pela popularidade e influência das tragédias atenienses com dramaturgos como Sófocles, Ésquilo e Eurípedes, que dominavam o teatro grego (McInerney 2009).

Em uma de suas obras mais influentes, *Inventing the Barbarian*, Edith Hall (1989) argumenta que as tragédias atenienses, de imensa popularidade durante a idade de ouro da pólis, foram cruciais na definição do que era ser grego, comumente representando os bárbaros como o outro. Essas representações, inspiradas na recente violência experienciada na invasão persa, representavam os bárbaros, ou seja, não gregos, com traços considerados inferiores, como a subserviência, luxúria e gula, em contraste com os ideais da democracia ateniense, que reforçavam a liberdade dos cidadãos e a moderação. Peças do período são vestígios da cultura da época, e essas representavam os bárbaros como inerentemente inferiores aos gregos, justificando sua hegemonia cultural e política, que era fundamental para a dominação da Liga de Delos no mediterrâneo com o fim das Guerras Médicas.

Nas tragédias, os influentes dramaturgos, assim como Heródoto, reimaginaram a tradição mitológica do período homérico, alinhando-a com suas ideologias contemporâneas, atribuindo as características bárbaras a grupos como os troianos, que não foram representados assim pelo próprio Homero. Como apregoeou J. Hall (2002, 117): “É apenas no século V a.C. que os troianos passam a ser considerados bárbaros”. Associando o barbarismo com tirania e despotismo, os poetas atenienses exaltavam os valores democráticos atenienses. Para a autora, as tragédias atenienses não serviram apenas como entretenimento, mas como uma ferramenta de expressão cultural e política, determinante na formação da identidade grega e na representação dos bárbaros na posteridade.

Foi dessa forma que grande parte do que é a identidade grega foi formada: é apenas a partir do período arcaico, com a ascensão de inimigos externos comuns como os persas, que a cultura e etnia no senso de identidade construída podem começar a ser observados pelos povos gregos (Zacharia 2008b). Após as guerras contra os persas, ficou estabelecida uma oposição entre o bárbaro invasor e o mundo helênico. Existiu na época um grande movimento de tentar entender as culturas exógenas, uma proto-etnografia, de embate entre os povos gregos e os não gregos. E é

justamente com a popularidade da curiosidade sobre esses outros povos, que os gregos passavam cada vez mais a estabelecer contato com, devido às invasões, que Heródoto escreveu sua grande obra (Skinner 2012).

Ao retratar em sua obra a Guerra de Troia como um conflito entre o mundo grego e os bárbaros da Ásia, o primeiro historiador estava projetando a grande realidade do seu tempo no passado. Influenciados pela união de diferentes pólis frente aos persas, os autores do século V a.C. passaram a enxergar essa coligação nas obras clássicas do passado, na grande aliança entre os diferentes reinos gregos da antiguidade frente a Troia, sugerindo uma consciência étnica num tempo anterior ao seu (Vasilescu 1989).

Segundo a tese de François Hartog (1988), em *The Mirror of Herodotus*, a obra *Histórias* não é apenas um registro de eventos passados, mas uma narrativa estruturada e deliberada para a representação do outro, ou seja, dos não gregos. Para o historiador francês, a representação dos outros povos encontrada em Heródoto funciona como um espelho, que define o que é ser grego por contraste. Os costumes, religião, raça e língua dos não gregos são observados justamente para uma melhor compreensão do que é ser grego, e formar assim uma identidade, na qual o manuscrito desempenhou papel essencial. Dessa forma, os estrangeiros são para os helênicos como um espelho – quando os gregos olham para o que faz os estrangeiros bárbaros, estão na verdade refletindo sobre o que os faz gregos.

É possível, assim, compreender como Heródoto, ao inserir o principal conflito do seu tempo, as Guerras Greco-Persas, na tradição homérica, passou a enxergar retroativamente a oposição entre gregos e bárbaros que existia no seu tempo. Todavia, antes de examinarmos quais foram as consequências da dicotomia popularizada por Heródoto, cabe ressaltar como o autor tinha uma visão complexa sobre o Oriente, diferente da de outros autores importantes do cânone ocidental que teriam uma perspectiva mais negativa sobre outros povos. O historiador tanto admirava como criticava estrangeiros, misturando pensamentos de fascínio, superioridade, curiosidade, até mesmo respeito por outros povos, diversas vezes em sua obra. Dessa forma, rotulá-lo como um simples xenófobo pela sua categorização de povos como gregos e não gregos seria demonstrar uma perspectiva anacrônica, pois sua atitude para com os povos estrangeiros é repleta de nuances.

Apesar de muitos gregos enxergarem povos bárbaros positivamente em certos pontos, Heródoto foi um dos autores mais impactantes na abordagem da cultura dos povos não gregos e de todas as suas complexidades. Segundo Coleman (1997), o historiador foi muito justo com sua abordagem dos povos não-gregos, mesmo com a centralidade da sua tese de antítese histórica entre gregos e bárbaros. Sua busca por detalhes muitas vezes representa os bárbaros numa luz favorável:

o escritor se preocupa em apontar influências exógenas na arte grega; em detalhar os costumes religiosos egípcios; estabelece que, na verdade, vários costumes religiosos gregos são derivados dos egípcios. De fato, essa mentalidade é comprovada pelas posteriores críticas de Plutarco, um dos mais influentes historiadores e filósofos gregos, que o chamará de *philobarbaros* (amante de bárbaros), devido à representação positiva dos povos bárbaros, já considerados incivilizados na era romana, e também a suas críticas a povos gregos, como os beócios e coríntios<sup>12</sup> (Plutarco 1992).

Apesar do uso do termo bárbaro de forma indiscriminada ao longo de sua narrativa, Heródoto foi um escritor muito compreensivo para os padrões da época com outras culturas (Holland 2014). Assim como Homero, não atribuiu uma conotação necessariamente negativa aos povos não gregos – muitas vezes Heródoto os elogiava, colocando-os como passíveis de glória e desonra, assim como os gregos, algo evidenciado pelas muitas representações positivas de líderes persas (Boedeker 2002).

Das inúmeras passagens com elogios a outros povos, como a diversos costumes persas (Heródoto 1909), a devoção religiosa egípcia e sua organização social (Heródoto 1909), as eruditas discussões sobre quais seriam os melhores sistemas de governo entre os persas (Heródoto 1909), cabe ressaltar uma passagem que melhor exemplifica a disposição do historiador. Heródoto reconta a passagem em que Dário teria feito um experimento tentando convencer pessoas de diferentes culturas a adotarem práticas uns dos outros. O imperador persa teria questionado quanto dinheiro seria necessário para que alguns de seus súditos, naturais da Grécia, comessem os corpos de seus pais, após a morte. Naturalmente eles responderam que não existia soma o suficiente para tanto. Em seguida, Dário convocou súditos calátios<sup>13</sup>, povo indiano, que praticava a antropofagia como um rito funerário, e indagou quanto dinheiro seria necessário para que eles cremassem os restos mortais de seus pais, como muitos gregos faziam. Os súditos responderam clamando para que Dário jamais falasse assim, pois a ideia os ofendia. Assim, Heródoto, citando Píndaro, reitera a máxima ‘costumes são o rei de tudo’, indicando a ideia de que costumes são relativos entre povos, algo extremamente inovador para a antiguidade (Heródoto 1909).

Assim, mesmo reconhecendo o caso de Heródoto como mais complexo, a dicotomia por ele consolidada não deixou de ter uma influência significativa sobre os pensadores que estudaram sua

---

<sup>12</sup> Heródoto acusa os beócios e coríntios de serem omissos na defesa da Grécia, ora se rendendo aos persas, ora deixando de auxiliar Atenas e Esparta em momentos cruciais da guerra. Plutarco, natural da Beócia, enxergava essas críticas, vindas de um natural de Halicarnasso, cidade que foi fiel aliada dos persas, como uma profunda hipocrisia, fato que o motivou profundamente a escrever sua crítica *Da Malícia de Heródoto*.

<sup>13</sup> Apesar de não existirem menções concretas de povos calátios tanto em fontes gregas como indianas, existem evidências de rituais funerários antropofágicos em povos asiáticos, que provavelmente inspiraram o episódio narrado pelo autor.

impactante obra. Resta, agora, avaliar qual foi o impacto dos seus escritos, e quais foram as consequências dessa oposição entre povos gregos e bárbaros.

### **A influência de Heródoto para a historiografia e pensamento ocidental**

Mesmo sendo considerado por muitos um pioneiro, é comum na academia a crença de que o autor não foi amplamente lido como um historiador, mas apenas como um inventor de fábulas, com certos fatos históricos inseridos no meio, ou ainda, como exclamaria Plutarco, como “Pai das Mentiras”. Na verdade, Heródoto foi extensivamente lido na antiguidade, com suas histórias sendo conhecidas por qualquer cidadão educado do período. Pelos papiros sobreviventes, Heródoto foi amplamente lido em todas as capitais gregas, romanas e egípcias: é o sexto autor de prosa com maior número de exemplares copiados sobreviventes, assim como o décimo quinto mais popular entre poesia e prosa. Tanto Heródoto quanto Tucídides foram claramente os historiadores mais lidos e criticados durante a antiguidade clássica, o primeiro contando com estátuas tanto na sua cidade natal, Halicarnasso, como na segunda maior biblioteca da antiguidade, em Pérgamo, com os epítetos apropriados (Murray 1972).

Segundo Oswyn Murray (1972), Heródoto foi lido ou influenciou significativamente toda a classe intelectual do período clássico em diante. Uma lista não exaustiva de pensadores fortemente influenciados incluiria poetas importantes como Apolônio de Rodes e Giges da Lídia, filósofos como Aristóteles, que o criticava, matemáticos como Eratóstenes de Cirene, generais de Alexandre Magno como Nearco e Onesícrito, assim como uma série de historiadores que moldaram toda a historiografia clássica como Tucídides, Aristarco de Samos, Calímaco, Éforo de Cime, Estrabão, Teopompo, Calístenes, Ctésias de Cnido, Hecateu de Abdera, Megástenes, Jerônimo de Cárdea, Beroso, Manetão, Timeu de Tauromênio, Agatárquides de Cnido, Possidônio e Flávio Josefo. De fato, a influência de Heródoto até os dias de hoje é inegável, considerando apenas sua presença na maioria dos cursos de historiografia do ocidente, e suas constantes releituras e reinterpretações pela academia (Hartog 1988).

De fato, Heródoto, mesmo muitas vezes criticado por seus leitores, formou a base de toda a tradição etnográfica helênica – a visão de todos os historiadores do período clássico e helenístico foi moldada pela obra *Histórias* e sua constante oposição entre os povos gregos e bárbaros na descrição dos acontecimentos históricos.

Novamente, Oswyn Murray (1972) cita alguns exemplos relevantes. Nearco, um dos almirantes de Alexandre Magno, explorou o Oriente, participando de um dos primeiros contatos registrados de povos europeus com o subcontinente indiano, descrevendo-o seguindo a linguagem e estrutura de Heródoto, além de tentar comprovar relatos citados em *Histórias*, e comparar as terras estranhas com o Egito, como descrito pelo primeiro historiador. Já Hecateu de Abdera, crítico de Heródoto, buscou inovar a etnografia separando uma época mitológica e uma época histórica. Porém, o autor segue toda a historiografia do Egito de forma quase idêntica à encontrada no segundo livro, Euterpe, de *Histórias*, remetendo às explicações geográficas e de costumes dos povos da bacia do Nilo. Da mesma forma, Megástenes herdará sua estrutura ao descrever a Índia, e Jerônimo de Cárdia ao descrever primeiro os costumes dos povos árabes antes da história de suas guerras. Seguindo a tradição de historiadores helênicos, Beroso, Manetão, Timeu, Agatárquides, Posidônio, todos passam a enxergar o mundo por uma lente construída por Heródoto: “Difícilmente seria muito dizer que o antigo período helênico viu o novo mundo de Alexandre<sup>14</sup> por olhos ‘herodoteanos’<sup>15</sup>, e buscou conferir à tradição de Heródoto uma base mais sistemática” (Murray 1972, 210 - tradução nossa).

Essa visão de mundo de Heródoto, enxergando o começo de uma divisão entre os povos nas guerras heroicas de Troia, não é fruto de uma verdadeira divisão étnica presente nos mitos de Homero, como vimos, mas de uma divisão criada no século V a.C. pela classe artística e política grega em reação às Guerras Médicas. Como posto por Zacharia (2008b, 25), “os gregos gostavam de oposições binárias, e dividiram o mundo entre gregos e bárbaros”. Apesar de essa divisão certamente ter uma origem puramente linguística, a palavra bárbaro ainda implicava reflexivamente os gregos. Quem não sabia falar sua língua automaticamente não era grego, e era incapaz de usar a razão, de dar conta de si mesmo. É justamente dessa divisão que pensadores gregos chegam à conclusão de que, enquanto bárbaros não mereciam ser livres, gregos sim.

Como exemplificado por Coleman (1997), uma grande razão para o início dessa perspectiva no período clássico, foi o contato da maioria dos gregos com pessoas de outras regiões ter sido na forma de escravos, gerando uma inferioridade por associação. Assim, bárbaros eram a antítese dos principais ideais promovidos principalmente por Atenas do séc. V: sabedoria, coragem, disciplina, justiça – os bárbaros eram ignorantes, covardes, indisciplinados e injustos – pior, não livres nem mesmo para falar o que pensavam.

<sup>14</sup> O texto se refere a Alexandre Magno e sua expansão do mundo helênico pela Ásia e África.

<sup>15</sup> Traduzido da expressão original “*herodotean eyes*”.

As consequências do pensamento dicotômico difundido por Heródoto ao longo dos anos é imensurável. Segundo Said (1978), todo escritor sobre o oriente assume algum precedente oriental, e este oriente não passa de uma invenção europeia desde a antiguidade. Caberia um outro estudo para a determinação de qual foi a extensão do impacto de uma categorização de povos como bárbaros e gregos, ou ainda como essa dicotomia passou a se apresentar como entre europeus ocidentais e orientais. Além disso, não sabemos como essa perspectiva pode ter alterado outras fontes literárias ou filosóficas anteriores, agora imbuídas com as discriminações da idade de ouro ateniense e seus discípulos.

Dessa forma, cabe uma breve observação de exemplos dessa dicotomia sendo retomada em grandes e influentes pensadores ocidentais. Dois dos mais influentes autores sobre o pensamento grego foram Diógenes Laércio, com sua obra *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, e Plutarco, com sua obra fundamental *Vidas Paralelas*. Ambas são compilações: a primeira reúne biografias e pensamentos de filósofos gregos notáveis; a segunda narra a vida de figuras históricas gregas e romanas, tanto mitológicas quanto reais.

Diógenes Laércio, parafraseando Hermipo, filósofo e biógrafo amplamente citado por outros estudiosos da época, afirma:

Hermipo, em sua obra, *Vidas* atribui a Tales o que outros dizem de Sócrates. Ele costumava dizer, eles reportam, que ele agradecia a Fortuna por três coisas: primeiro, que eu sou um humano e não uma besta; segundo, que eu sou um homem e não uma mulher; terceiro, que eu sou grego e não um bárbaro (Diógenes Laércio *apud* Coleman 1997, 175 - tradução nossa).

Nesse trecho é possível perceber de forma clara não só a ideia de oposição, com os povos sendo colocados de forma oposta, como uma evidente perspectiva de superioridade grega, atribuída a um dos filósofos mais influentes da humanidade. Outro exemplo pode ser visto no diálogo socrático *Menexeno*, onde, ao longo de um discurso epitáfio, diversas distinções são feitas por Sócrates<sup>16</sup> entre os povos gregos e bárbaros, especialmente o fato de que os helenos são livres e governados por leis, enquanto os bárbaros são governados por déspotas autoritários (Platão 1997). De forma similar, Plutarco cita os conselhos que Aristóteles teria dado para Alexandre Magno, quando esse ainda era seu pupilo<sup>17</sup>, sobre como governar seus súditos:

Alexandre não fez como Aristóteles havia aconselhado – faça o papel de um líder para os gregos e de um mestre para os bárbaros, cuide dos primeiros como amigos e familiares, e o segundo, trate-os como bestas ou plantas, e encha seu reino com guerras, banimentos e facções (Plutarco *apud* Coleman 1997, 193 - tradução nossa).

---

<sup>16</sup> A maioria dos estudiosos afirma que o texto do discurso foi de fato inventado por Platão.

<sup>17</sup> Aristóteles foi contratado por Filipe II da Macedônia, pai de Alexandre Magno, para educar seu filho em 343 a.C., quando Alexandre tinha cerca de treze anos.

Novamente, fica claro como os gregos e os bárbaros são colocados de forma antagônica, nesse caso requerendo formas de governo diferentes, conforme suas naturezas.

### **Considerações Finais**

O presente artigo visa investigar a origem da dicotomia entre os povos gregos e bárbaros utilizada por Heródoto em sua obra *Histórias*, e quais foram as implicações dessa categorização. Concluiu-se que o historiador traçava a raiz dessa divisão entre povos na tradição homérica, mas que, analisando as epopeias, é difícil perceber qualquer distinção étnica significativa. Depreende-se, assim, que a cultura artística e intelectual de Atenas – capital do mundo grego após as guerras Greco-Persas – foi a principal influência sobre a oposição formulada por Heródoto, que a integrou retroativamente à tradição mitológica grega, inserindo-a em um capítulo anterior na sequência de hostilidades entre gregos e não gregos.

Do ponto de vista historiográfico, este trabalho contribui para a compreensão de como narrativas históricas podem ser, e foram desde o princípio, utilizadas como poderosas ferramentas na consolidação de identidades culturais e étnicas. Além disso, a análise do texto de Heródoto demonstra como a historiografia sempre carrega marcas culturais e políticas de seu período, como também do período dos seus principais intérpretes, na sua construção do passado.

Compreender a origem desses pensamentos é de grande relevância, pois a divisão entre povos gregos e bárbaros foi extremamente influente na formação do pensamento ocidental, que traça suas origens até o período clássico. Para muitos, seria possível argumentar que esse pensamento dicotômico ainda prevalece, sob novas formas, até os dias de hoje. Ainda assim, seria necessário um estudo muito mais robusto para que todas as consequências e ramificações desse tipo de pensamento recebessem a devida atenção, e fossem rastreadas até a atualidade.

Assim, como desdobramento para futuras pesquisas, seria pertinente investigar como essa dicotomia foi trabalhada por autores posteriores, como Tucídides ou Plutarco, construindo o caminho para uma investigação da sua transmissão ao longo das tradições intelectuais até a modernidade. Também seria possível pesquisar perspectivas não ocidentais e suas impressões acerca dos gregos, tentando enxergar diferenças e convergências na forma como povos como os persas e egípcios classificavam e diferenciavam os helenos.

Concluimos, portanto, que, ao registrar a glória do passado, Heródoto moldou uma das mais antigas narrativas estruturadas sobre a distinção entre gregos e não gregos, consolidando uma divisão conceitual que se tornaria uma das ideias mais influentes do pensamento historiográfico e cultural do Ocidente.

### Referências Bibliográficas

- Boedeker, Deborah. 2002. "Epic Heritage and Mythical Patterns in Herodotus". Em *Brill's Companion to Herodotus*, (Orgs.) Egbert J. Bakker, Irene J. F. de Jong e Hans van Wees, 97–117. Leiden: Brill.
- Buffière, Félix. 1973. *Les mythes d'Homère et la pensée grecque*. Paris: Belles Lettres.
- Bury, J.B. 1926. "Greek Literature from the Eighth Century to the Persian Wars". Em *The Cambridge Ancient History: The Persian Empire and the West*, (Orgs.) J.B. Bury, S.A. Cook, e F.E. Adcock, 469-521. Londres: Cambridge University Press.
- Coleman, John E. 1997. "Ancient Greek Ethnocentrism". Em *Greeks and Barbarians: Essays on the Interactions between Greeks and Non-Greeks in Antiquity and the Consequences for Eurocentrism*, (Orgs.) Coleman, John E.; Walz, Clark A., 175-220. Bethesda: Eisenbrauns.
- Green, Peter. *The Greco-Persian Wars*. Berkeley: University of California Press, 1996.
- Hall, Edith. 1989. *Inventing the barbarian: Greek self-definition through tragedy*. Oxford: Clarendon Press.
- Hall, Jonathan. 2002. *Hellenicity: between Ethnicity and Culture*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hartog, François; Lloyd, Janet. 1988. *The Mirror of Herodotus: the Representation of the Other in the Writing of History*. Berkeley; Londres: University of California Press.
- Heródoto. 1909. *Histories of Herodotus*. Trad. George Rawlinson. Londres: [s.n.].
- Holland, Tom. 2014. "*Herodotus: The Histories*". Palestra. Apresentado no Hay Festival, 14 de maio.
- Homero. 1998. *The Iliad*. Trad. Robert Fagles. Nova Iorque: Penguin Books.
- Homero. 1897. *The Odyssey*. Trad. Samuel Butler. Londres: A. C. Fifield.
- Marincola, John. 2009. "Herodotus and the poetry of the past". Em *The Cambridge companion to Herodotus*, (Orgs.) Dewald, Carolyn; Marincola, John, 13-28. Cambridge, Uk: Cambridge University Press.
- McInerney, Jeremy. 2009. *The Age of Pericles*. Chantilly: The Great Courses.
- Murray, Oswyn. "Herodotus and Hellenistic Culture". *The Classical Quarterly* 22, n. 2 (nov. 1972): 200–213.



Nagy, Gregory. “Herodotus the ‘Logios’”. *Arethusa* 20, n. 1 (1987): 175–184.

Platão. 1997. “Menexenus”. Em *Plato: Complete Works*, (Orgs.) John M. Cooper e D. S. Hutchinson, trad. David K. Robinson, 950-964. Indianapolis: Hackett Publishing Company.

Plutarco. 1992. *The Malice of Herodotus*. Trans. Anthony Bowen e Malcolm Willcock. Warminster: Aris & Phillips.

Romm, James S. 1998. *Herodotus*. New Haven: Yale University Press.

Said, Edward. 1978. *Orientalism*. Brantford: W. Ross Macdonald School Resource Services Library.

Skinner, Joseph. 2012. *The Invention of Greek Ethnography*. Oxford: Oxford University Press.

Smith, Anthony. 2004. *The Antiquity of Nations*. Cambridge: Polity Press.

Vasilescu, Mihail. “Hellènes et Barbares dans les Épopées Homériques”. *Klio* 71, n. 71 (1989): 70–77.

Voicu, Ștefania. 2013. “Greeks and Barbarians in Homer’s ‘Odyssey’”. *Diversité et Identité Culturelle en Europe* 10, n. 1 (2013): 135–146.

Zacharia, Katerina. 2008a. “Herodotus’ Four Markers of Greek Identity.” Em *Hellenisms: Culture, Identity, and Ethnicity from Antiquity to Modernity*, (Org.) Katerina Zacharia. Aldershot: Ashgate Publishing Limited.

Zacharia, Katerina. 2008b. “Introduction.” Em *Hellenisms: Culture, Identity, and Ethnicity from Antiquity to Modernity*, (Org.) Katerina Zacharia. Aldershot: Ashgate Publishing Limited.